

# Os últimos dias de Oswald de Andrade

Há exatamente 100 anos, nascia em São Paulo uma das personalidades mais intensas e fulgurantes da cultura brasileira. Há 100 anos, na Rua Barão de Itapetininga, esquina com a atual Dom José de Barros, nascia Oswald de Souza Andrade, filho único de José Oswald Nogueira de Andrade e Inês Henriqueta, família que migrou do interior de Minas para São Paulo. Agitador, brilhante, polêmico, prolífero e apaixonado pela vida, pelas mulheres e pelos filhos que elas lhe deram, Oswald, fundador do Modernismo Brasileiro, teve como interlocutor, pouco antes de sua morte, em 1954, o escritor Marcos Rey com quem falou sobre uma de suas angústias: o seu polêmico caso e casamento in extremis com Maria de Lourdes, a Daisy, ou ainda a Miss Cíclone. O caso é o pano de fundo do depoimento abaixo de Marcos Rey



Oswald Andrade, sempre farto de críticos e de romancistas nordestinos



Oswald em família

As entrevistas matinais, porém, nunca rendiam grande coisa. A todo instante precisava telefonar ou atendia a telefonemas. Os mais longos eram sempre de seu filho mais velho, Nonê. O diálogo, ouvido só de um lado, dispensava o outro para dramatizar graves problemas de dinheiro. Se a notícia fosse má, a manhã estava perdida. O jovem rico que talvez o habitasse não aceitava a péssima situação financeira do velho. "Só os imbecis sabem viver sem dinheiro", disse-me, "a única coisa que aprendem. Ser rico é tão mais fácil!"

Outras vezes, Maria Antonieta achava que ele estava precisando de um passeio, e saíamos todos, num Fiat vermelho que ela dirigia, a rodar pelas ruas do bairro. Era quando Oswald se mostrava mais desperto. Gostava de encher os olhos de imagens, e rejuvenecia-o um pouco o banho de ar puro. Voltava ao pequeno quintal mais ritmado, mais falante.

— Antônio de Alcântara Machado foi uma invenção minha — disse-me numa dessas vezes. Por brincadeira, inventei que era um gênio, e pegou. Até hoje repetem isso. Aposto que você também acha.

Apanhado de surpresa, respondi:

— A mim sempre pareceu um imitador de Oswald de Andrade.

— Pode ser. Mas isso não é tão mau assim. Eu nunca fiz outra coisa: imitar-me.

A outros escritores fazia firmes restrições. Para ele Graciliano Ramos era seco demais. E José Lins de Rego? Úmido demais. Detestava Cecília Meireles, mas não convencia ser por razões poéticas ou estéticas. Dizia não suportar mais romancistas nordestinos e chamava de burros os críticos que os aplaudiam.

— De alguns o senhor deve gostar.

— Claro, e muito.

— Quais?

— Esqueci.

A três nomes, porém, referia-se respeitosamente: Machado de Assis, Euclides da Cunha e Mário de Andrade. A esse em tom especial, nostálgico ou culposo.

— Nós, da Semana, éramos todos ignorantes. Só Mário de Andrade sabia.

Concordei, incluindo na breve lista outro nome, o dele. Não se envergonhou. Era contra o próprio peito que endereçava as setas mais agudas.

— Minha obra não tem a menor importância. Fazia tudo às pressas, apenas para me divertir. Nunca tive paciência para trabalhar muito, reescrever, aprimorar-me. Saía tudo em pilulas.

— Mas isso é um estilo.

— Não sei se é. Talvez esses períodos partilhados, divididos em parágrafos ou frases, sem uma estrutura sólida, apenas atestam que nunca dominei a técnica de escrever romances. Minha sorte é que os críticos também são uns preguiçosos...

— E seu teatro? O Rei da Vela...

— Nunca será encenado — garantiu-me — Teatro só para ser lido é teatro?

Nas últimas entrevistas houve poucas perguntas e ainda menos respostas. Oswald já entrava num território de sombras do qual só saía para atender aos telefonemas. Voltou a falar um pouco mais nas vésperas da morte, fitando-me com olhos baços. Seu maior problema nada tinha a ver com literátes. O importante a saber era:

— Então acha que não fui culpado?

— Culpado de quê, Oswald?

— Aquilo que aconteceu a Miss Cíclone, a Deisi?

Certamente não era mais a mim que perguntava, mas a si próprio, como já deveria ter feito uma infinidade de vezes. Embaraçoso. Quando nasci, Miss Cíclone já morrera havia sete ou cinco anos. E eu, com menos de 30, estava mais inclinado a aprovar desvarios que recriminá-los. Se eu e Oswald tivéssemos a mesma idade, viajando num bonde ou cruzando o antigo Viaduto do Chá, diria o mesmo que disse, recordo, em seu quintal.

— Foi só azar, mais nada.

Frases que, pelo visto, não lhe serviu de consolo nem prestou para deslocá-lo do passado. Nem sei se murmurou alguma palavra quando me despedi. Tudo nele parara naquela pergunta. Dias depois Oswald de Andrade morreu.

Leio no *Um Homem sem Profissão*: "Um pedaço de 1917. Volta, Miss Cíclone, para minha fantasia! Vem inundar de loucura o coração que tímido te aguarda".

Lembrando aquelas manhãs de 54, em que eu, jovem escritor, entrevistava quase inutilmente um Oswald esquecido, tento imaginar se morreria mais feliz se visse até o ressurgimento de seu nome, que não tardaria, ou se mesmo assim, redescoberto, só teria interesse em perguntar: Então acha que não fui culpado?

As vezes, como no caso de Oswald, o escritor morre antes que o homem, que sofre, ainda, um pouco mais.

■ Mais Oswald Andrade nas páginas 3 e 4

De quem, como e quando partiu a idéia do lançamento da Semana de Arte Moderna? — perguntei, já com os dedos repousados nas teclas da máquina de escrever.

Oswald não prestou atenção, embora me olhasse. Estávamos sentados no pequeno quintal de sua casa na Rua Marquês de Caravela, eu diante de sua máquina portátil. Visitava-o duas manhãs por semana, às terças e sextas, como ficara combinado, para que desses encontros resultasse um livro: *300 perguntas a Oswald de Andrade*, que não foi publicado.

— Leu o *Um Homem Sem Profissão*? — perguntou num tom de voz de homem velho, lento e sem timbre.

— Li e gostei muito.

A pergunta era apenas a preparação de outra:

— Acha que teve culpa no caso da Deisi?

O caso da Deisi, lembrei, a moça que ele apelidara de Miss Cíclone, assim com o acento na primeira sílaba, noiva e amante com quem Oswald casara in extremis. Certa manhã, está no livro, depois de se despedirem, decidi segui-la, sem saber por que, e a vi entrar numa casa amarela, diante do Cassino Antártica, uma conhecida pensão de rapazes. "Em junho, ela me diz que está grávida. De quem? Não pergunto. Ela não fala. Concordamos no aborto." Resultado: a operação fracassa e Deisi morre.

— Se teve culpa? Acho que não. — E prosseguiu: — De quem, como e quando partiu a idéia do lançamento da Semana de Arte Moderna?

— Sinceramente... não tive culpa? Eu estava morto de ciúmes. E temia que o filho podia não ser meu.

Mais preparado para entrevistar o escritor, não o homem, alguém que tece frases brilhantes, não o que se confessa, o que ataca, não o que abre as guardas, devo ter feito um comentário evasivo, talvez um "coisas da vida". O que responderiam Miramar e Ponte-Grande em meu lugar? Uma resposta cínica seria demasiadamente cruel feita ao mestre do cinismo?

Eu havia conhecido Oswald de Andrade no salão literário de Carmem Dolores Barbosa, que uma vez por semana reunia em seu apartamento na Rua General Jardim os nomes mais badalados das artes nacionais. Escritores e poetas de outros Estados também frequentavam o salão, que em noites de gala recebia



Com Tarsila do Amaral

inclusive estrangeiros como Morton Zabel e William Faulkner, este no apogeu da fama. Como eu estivesse fazendo entrevistas literárias para o suplemento dominical do jornal *O Tempo*, tendo já entrevistado Amadeu de Queirós e Cornélio Pena, pedi a Oswald que me concedesse uma, em sua casa. Fui lá, na mesma semana, mas ele não pôde dar uma entrevista aberta, desinibida, solta, como eu desejava, pois se encontravam presentes Osmar Pimentel e Olavo Pereira, muito atentos, que lhe travavam a língua, desaconselhando qualquer declaração franca demais, capaz de pisar em calos e ferir pessoas.

Mesmo antes de que a entrevista saísse publicada, reencontrei Oswald de Andrade e propus que fizéssemos o tal livro de perguntas e respostas, na realidade uma reportagem em tamanho família, em que coubessem verdades íntimas, desaforismos, opiniões sobre autores, desabaços, rancores segregados e até pontapés. Queria o retorno de Oswald de Andrade, o ressurgimento daquele destruidor de mitos e ídolos que eu tanto apreciara em minha juventude. E bem que ele estava merecendo. Há anos que vivia um tanto esquecido e seu *Um Homem sem Profissão*, primeiro e último volume de suas memórias inacabadas, não tivera boa repercussão. Além do mais havia surgido um grupo de jovens revisionistas, irados, apelidados de kalcagestes por Mário da Silva Brito, que não perdoavam a maioria dos escritores e poetas consagra-

dos, ameaçando crucificá-los numa implacável Noite da Revisão. Não sei se houve a tal noite, mas Oswald seria seu sacrificado-mor, a grande vítima desse banquete de hunos juvenis, a antropofagia do antropófago, o que para o grupo ou bando significaria o fim de uma época menos séria, de décadas de modernices inconsequentes.

Basta essa lembrança para desmentir que Oswald de Andrade morreu cercado de jovens admiradores, como já li, pois nunca encontrei nenhum deles em sua casa, pedindo autógrafos ou chamando-o de mestre, e os que o liam e estudavam já não eram tão moços, como Antônio Cândido, por exemplo, ou Rhada Abramo, que o levou, parece-me, a um programa de televisão. Oswald sentia-se abandonado no seu fim de vida, do que tive uma prova quando faltei numa das manhãs. À tarde, telefonou-me cobrando-me a falta e insistindo para visitá-lo no dia seguinte. Recebeu-me, então, demonstrando maior afeto e convidou-me para almoçar com ele, sua mulher Maria Antonieta e os dois filhos pequenos. Restavam-lhe dois exemplares de *O Rei da Vela*, deu-me um, com uma dedicatória sensível, e leu-me trechos escritos a lápis do segundo volume de suas memórias, que nunca concluiria. Passou desde aí a receber-me sempre com um abraço, como se temesse desinteressar-se pelas entrevistas ou perder contato com um dos seus últimos elos com a geração mais nova.



O Rei da Vela na montagem do grupo Oficina, em 1967: "Nunca será encenada"



Com a mulher, Patrícia "Pagu" Galvão e o filho Rudá